

## REMEMORANDO UMA TRAJETÓRIA DE PESQUISADOR/AUTOR

**Wagner Rodrigues Silva<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Tocantins

“A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas”.

(Chico Buarque)<sup>2</sup>

Sou professor de uma jovem instituição federal de ensino superior: *Universidade Federal do Tocantins – UFT*. Na instituição, assim como no próprio Estado, os empreendimentos são sempre instigantes, motivadores, somos pioneiros em muitas ações. Como a história nos mostra, os desbravadores são sempre lembrados. Talvez esse fato explique o fascínio que percebo nos historiadores colegas de profissão em deixar o próprio nome registrado na história. Provavelmente, por não enxergar a dimensão do pioneirismo, diferentemente dos historiadores, não costumo perceber o mérito de possuir o próprio nome registrado na história.

Na história da revista *Ao pé da letra*, consta meu nome registrado. Em cada um dos três primeiros volumes da revista, tenho um artigo publicado. Minha participação na revista não se limita a esse fato, mas também fiz parte da comissão de graduandos que participaram como colaboradores no processo de edição dos dois primeiros números da revista. Mais que um trabalho intelectual, foi realmente um trabalho braçal! Também podemos

---

1. Publicou, como aluno, nos volumes 1 (1999), 2 (2000) e 3.1 (2001) de *Ao Pé da Letra*. Atualmente é Professor da Universidade Federal de Tocantins.

2. BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 41.

somar ao pioneirismo tematizado a autoria do primeiro artigo escrito em língua estrangeira (Quanta ousadia nossa!). Assim como no segundo volume da revista, em que está publicado o artigo em língua inglesa, assinei o terceiro artigo com uma amiga da turma de graduação, praticávamos o exercício da escrita cooperativa, atividade ainda pouco exercitada pelos pesquisadores na área das humanidades.

Para mim, o registro do nome na história pode não ter o mesmo valor que tem para muitos historiadores, mas reconheço que, no presente, a experiência vivenciada no passado pode contribuir bastante. A partir do finalzinho da década de 90, juntamente com a autoria, iniciei a prática da pesquisa como bolsista de iniciação científica (PIBIC/CNPq). Não consigo falar sobre a escrita e a pesquisa separadamente. Essas práticas permitiram a construção de uma base suficientemente resistente para suportar alguns desafios: dos cursos *Stricto Sensu*; da docência no ensino superior; da orientação de alunos para a pesquisa, em diferentes níveis de formação; da participação como membro de conselhos editoriais; e, mais recentemente, novamente, da prática de pesquisa como bolsista do CNPq, desta vez com bolsa de Produtividade em Pesquisa.

No exercício da escrita de artigos científicos, apresentar os resultados das primeiras pesquisas e divulgá-los para um público mais amplo que os leitores autorizados dos tradicionais relatórios de pesquisa, incute no profissional em formação inicial a responsabilidade da divulgação dos resultados de pesquisa entre os pares. A divulgação em periódicos especializados é necessária para o progresso da ciência, permite que o pesquisador interaja com especialistas no assunto trabalhado.

Após emissão dos pareceres pelo conselho editorial, as idas e vindas dos artigos científicos permitem que o autor vivencie o caráter provisório dos resultados de pesquisas e das inúmeras versões do texto escrito. Aceita-se finalmente a reescrita como atividade constitutiva da prática da escrita. A Licenciatura em Letras com iniciação à pesquisa não é

apenas uma licenciatura, com o exercício da prestigiada escrita acadêmica, provavelmente, configure a Licenciatura que tanto precisamos no Brasil.

Da recém-criada revista *Ao pé da letra*, então pioneiríssima na escolha do público alvo, alunos de graduação, alcancei espaço entre respeitados periódicos científicos de alcance nacional e internacional. Por coincidência, meu último artigo foi publicado no periódico *Investigações*, editado pelo reconhecido *Programa de Pós-Graduação em Letras*, da saudosa *Universidade Federal de Pernambuco – UFPE*. Também experimentei a escrita e a organização de livros acadêmicos. Nas linhas desses escritos, levo o entusiasmo do pioneirismo das produções iniciais, posso reconhecer um pouco do “Tópicos discursivos e formas de construção das adivinhas”, “Grammatical Strategies in the Formation of English Riddles” e “Adivinhas e ensino de Língua Portuguesa: uma descoberta”. Esses textos estão disponíveis nos três primeiros números de *Ao pé da letra*. Nas minhas recentes produções em co-autoria, também reconheço um pouco da prática da escrita cooperativa com Surama Fernandes da Silva e Cassandra da Silva Muniz, minhas companheiras de graduação, audaciosas co-autoras.

Minha efetiva participação na prática da escrita acadêmica, iniciada ainda no curso de graduação, autoriza-me, hoje, a desafiar meus alunos da Graduação em Letras, na Região Norte do país, a produzirem e publicarem textos científicos. Tenho o privilégio de participar da escrita desses alunos, o entusiasmo dos iniciantes me revigora. Atualmente, possuo significativas produções científicas escritas juntamente com esses alunos. Juntos, estamos alcançando espaços que dificilmente esses jovens iniciantes teriam acesso, não pela falta de capacidade deles, mas simplesmente por políticas de editoração. São poucos os periódicos científicos que dão acesso aos graduandos como autores exclusivos, daí o mérito do periódico *Ao pé da letra*, um espaço reservado aos alunos ousados, que cedo já visualizam um horizonte mais amplo na formação acadêmica.

Lembrando da epígrafe deste texto, poderia “fuçar um pouco” mais minha memória e, certamente, encontraria outras coisas relevantes para este depoimento, mas tais coisas advindas talvez não me permitissem manter a atenção do leitor. O prazeroso mesmo é desfrutar das coisas da própria memória, poder alimentá-la, fortalecê-la sempre! Não tenho dúvidas de que a revista *Ao pé da letra* é um espaço científico para construção dessas coisas boas para nossa memória.

Assim como o pioneirismo do espaço de publicação para os graduandos de Letras, no final da década de 90, caracterizava a revista *Ao pé da letra*, passados dez anos, o periódico continua fazendo história. Atualmente, mesmo ainda jovem, a revista obtém pleno reconhecimento na academia, usufrui de um bom desempenho na importante avaliação de periódicos da CAPES, compartilha espaço em respeitadores indexadores com outros renomados periódicos científicos. Parabéns a todas as pessoas que contribuíram para a consolidação de *Ao pé da letra*!